

Filosofia não é pura abstração, pelo contrário, ela pensa profundamente a realidade e tudo o que acontece concretamente. Partindo da tradição socrático-platônica, a Filosofia se dava a partir da admiração do homem diante da realidade e era devido à amizade e ao amor pela sabedoria. O filósofo é visto como um curioso, um pesquisador, um indagador, um admirado-admirador que questiona constantemente o mundo e a si mesmo. Nesta mesma perspectiva da tradição filosófica grega, a Filosofia não consistia somente em formular teorias, mas também era uma postura prática, uma ação em favor da transformação da realidade. A Filosofia sempre se preocupou com a política, com a justiça, com as leis e com a felicidade humana.

Dentre essas concepções de Filosofia do mundo grego, a segunda, que a vê como meio para se atingirem determinados fins (bem-estar e progresso), ela é utilitária e não mera teoria, nem pura contemplação da verdade. Filosofar, para Marx, não consistia somente em pensar a realidade, mas também em transformá-la. Até então, a Filosofia tinha pensado apenas a realidade, e a partir daí, passou-se a dar grande importância à sua ação transformadora.

Pensar a realidade por meio de um programa filosófico-pedagógico Educar para o Pensar: Filosofia com crianças, adolescentes e jovens é pensar sobre o que está acontecendo. Filosofar é pensar profunda e sistematicamente a realidade, é partir do pressuposto de que não se pode agir sem se compreender, como não se pode compreender sem agir. Por isto, filosofar é captar a realidade e agir a partir dela, trabalhar e transformá-la de tal forma que a torne habitável.

Filosofar exige também o estudo da história da Filosofia, a produção sistemática de trabalhos com viés acadêmico, a análise e a interpretação de textos filosóficos, tudo isto deve ocorrer, respeitando-se as faixas etárias e os momentos propícios. Deve-se ter presente a idéia de processo filosófico ao qual cada indivíduo está sendo submetido, considerando-se a idade e a realidade de cada indivíduo. Filosofar começa por uma opção ética, tomada, consciente ou inconsciente, diante da realidade em que se vive.

No programa Educar para o Pensar: Filosofia com crianças, adolescentes e jovens, a Filosofia não se reduz à época, mas surge de postura ética fundamental de acordo com as experiências, os interesses e as cosmovisões do indivíduo. O filosofar começa com crianças, adolescentes e jovens que são concretos, de carne e osso, com suas capacidades e limitações psicológicas de entendimentos, relacionamentos, maturidade. Eles vivem uma determinada circunstância existencial e filosofarão conforme a opção ética já feita, por exemplo, em favor do capitalismo ou do socialismo. Tais escolhas influenciarão o filosofar, a temática escolhida, as leituras, os enfoques, as defesas, os desejos e sonhos.

A metodologia filosófica distingue-se de um manual de técnicas pedagógicas válidas para esta ou aquela situação escolar, ela quer ser como uma teorização acabada de toda atividade de leitura e de composição de idéias filosóficas. Portanto, o método deve suprir uma necessidade interna, e não um simples capricho vindo de fora. Seria inútil querer que crianças, adolescentes e jovens dominassem técnicas, sem que eles compreendessem a razão de ser que é implícita no modo de pensar filosófico, porque assim, a metodologia filosófica não tem existência em si, nem autonomia em relação à disciplina, mas se busca, por meio de um conjunto de exigências teóricas e especulativas do ato de filosofar, dar às idéias e às reflexões, o mais obstinado rigor e a maior perfeição possível. Ao manifestar esta preocupação metodológica, superamos a ambição utilitarista e pragmática, pois o movimento pelo qual a reflexão espontânea ocorre num primeiro momento, precisa ser transformado, considerando-

se o processo dentro de um pensamento filosófico. Crianças que têm oportunidades de refletirem sobre suas experiências, suas vidas, desde os primeiros anos escolares; que fazem exercícios filosóficos; que compartilham suas reflexões na comunidade de aprendizagem investigativa; que estão em contato com professores atentos e preparados para coordenarem o trabalho, estarão impregnando-se de Filosofia e de um melhor filosofar.

Ao defender que crianças, adolescentes e jovens podem e devem filosofar, por isto, um programa filosófico-pedagógico para a realidade escolar, afirmamos que o filosofar começa quando a criança é capaz de formular perguntas do tipo: Como é isso? Porquê? ou quando a criança faz questionamentos existenciais, colocando problemas a partir de sua experiência. Uma estrutura escolar que não valoriza nem prioriza a pergunta, a investigação, o tempo de maturação das idéias, nem o indivíduo, vai fazer com que seus alunos deixem de lado suas perguntas e seus questionamentos.

Faz-se necessária uma formação filosófica que se dê desde os primeiros anos escolares, para que nos formemos, bem ou mal, para uma prática ou uma profissão. Não há progresso, se o espírito não estiver bem formado desde o início. Ao falarmos do programa Educação para o Pensar: Filosofia com crianças, adolescentes e jovens, estamos definindo uma metodologia complexa que se adapte aos neófitos. Nossa ambição e nosso trabalho é apresentar uma metodologia filosófica verdadeira e fecunda, de direito para todos, iniciantes ou iniciados.

Buscar um ensino filosófico impõe suas dificuldades específicas, que podem, muitas vezes, levar ao desânimo ou à ilusão, mas podem também oferecer agradáveis surpresas tanto aos estudantes, quanto aos professores, pois à medida que começa a haver uma formação filosófica, mesmo sendo a Filosofia, uma disciplina que exige abstração, vão se respondendo às interrogações e aos interesses existenciais, envolvendo convicções e valores pessoais. Porém, a Filosofia, desde sua origem, apresentou-se como uma atividade do espírito que exige que nos abstraiamos das opiniões ime-

diatas, que nos afastemos das discussões espontâneas, pois elas, muitas vezes, são a expressão de nossos preconceitos e de nossas crenças irrefletidas.

A visão que se tem a respeito da Filosofia colocada pela história, pode ser um desvio em relação ao concreto, ao vivido, ao objetivo. Com o intuito de formular questionamentos claros, de desenvolver raciocínios sistemáticos, de explorar diferentes configurações factíveis das idéias, deve-se ter uma paciência tanto maior, quanto mais cedo nos dedicarmos a ela, pois como afirmava PLATÃO (1983, VII, p. 539 b.s):

Deves ter notado, acredito, que os adolescentes que alguma vez experimentaram a dialética, abusam dela e fazem dela um jogo, utilizando-a apenas para contradizer, e, a exemplo daqueles que os confundem, também eles confundem os outros, sentindo prazer, como cachorrinhos, sem acostrar e espicaçar com o raciocínio todos os que se aproximam”, quando o conveniente seria antes imitar “os espíritos moderados e firmes, e, ao contrário do que se faz atualmente, não deixar que se aproxime dela o primeiro que chegar, se não trazer alguma disposição.

Tanto numa educação filosófica reflexiva, esta que buscamos por meio da Filosofia com crianças, adolescentes e jovens, como na aprendizagem das ciências teóricas ou aplicadas, é essencial adotarem-se métodos que não sejam confundidos com meras técnicas pragmáticas, aplicáveis a todos os problemas, mas que conduzam ao pensar, ao raciocinar e ao refletir melhor, cada um por si e sobre as questões da vida. Aprender a filosofar não é apoderar-se e servir-se de um instrumento para aumentar seu poder sobre as coisas ou sobre o outrem, mas é conseguir, progressivamente apoderar-se da arte de desenvolver aptidões de nosso próprio espírito, a julgar e a raciocinar

em geral, ou seja, aprender a pensar por si mesmo. Todo este processo deve ocorrer dentro de uma sala de aula transformada em uma comunidade de aprendizagem investigativa.

2.1 Abordagem Emancipatória

O ensino filosófico, desde as primeiras séries, deve considerar a realidade como um todo (entendida como tudo o que existe). Porém, é possível pensar em tudo o que existe? A Filosofia estuda o ser humano, a liberdade humana, como se dá o conhecimento no ser humano, questões éticas, políticas e estéticas.

Dentro das duas matrizes ou teorias do conhecimento, as quais são explicações sobre o fundamento da realidade ou determinantes do processo de conhecer-se, temos uma que afirma que todas as coisas derivam de um princípio material ou, *a priori*, é sempre material – ou seja, o materialismo entendido como definição filosófica que afirma que a matéria é a base, o processo e o produto da realidade. A matéria é a base objetiva, concreta e real para ser compreendida, conhecida e entendida. Já a segunda concepção é a do idealismo, onde, *a priori*, a última instância da realidade é um princípio, uma idéia, uma abstração.

Na história da Filosofia temos o Iluminismo que nasceu da necessidade da burguesia francesa de convencer, persuadir e arregimentar o povo alienado e despolitizado para seu projeto de rompimento e superação das classes sociais da Idade Média. Por isto ele foi radical, racionalista, empirista e, em alguns aspectos, materialista, marcado por um espírito anticlerical e antimodieval, daí a metáfora Idade da Luz, ser o símbolo onipotente da razão divinizada. O Iluminismo, conforme afirma NUNES (2003, p. 73, 74), foi um vibrante movimento filosófico burguês:

Os filósofos produziram idéias originais, palavras de ordem envolventes e aliciadoras, foram às massas e militantemente engajaram significativos grupos po-

pulares em seus projetos burgueses.

Derrubaram a realeza, extinguiram a nobreza, suprimiram os poderes do clero, instalaram a Revolução Francesa e produziram a mais radical mudança institucional de todos os tempos: o Estado leigo, burguês, republicano, democrático e liberal.

Os homens nascem livres e iguais. O estado da natureza é selvagem, anárquico e improdutivo. Vários autores defendem um acento negativo para este estado. Rousseau defende uma identidade positiva.

Na modernidade filosófica e pedagógica temos Jean-Jacques Rousseau que chegou a uma síntese e expressão grandiosas e ao produzir, de Filosofia a política, de economia a estética, de antropologia a ética, construiu aí caminhos por onde anda sua obra, donde destacamos *Emílio*, por considerarmos seu ponto máximo e absolutamente original na proposta pedagógica.

Rousseau tem o mérito de ter sido o descobridor ou o sistematizador da infância, o ideólogo moderno que produziu uma categoria central para a pedagogia e para a política da modernidade – a natureza sendo definida como identidade preexistente, bondosa; a natureza humana como explicação causal de tudo o que existe. Por isto, ele constituiu a base ontológica, filosófica, política, antropológica, estética e cultural da modernidade pedagógica. O seu fazer pedagógico mostrava que o quanto mais simples e natural, mais eficaz e adequado seria o método, portanto, educar é adequar-se à realidade natural. Ele defendia como primeiro passo de uma Educação, o pleno domínio dos sentidos, a compreensão das potencialidades e o adequado entendimento das carências. Assim, a primeira educação consistiria em dominar com equilíbrio e moderação, os sentidos humanos, submetendo-os a uma razão moderada, prudente e adequada.

É preciso definir em nossa realidade escolar brasileira o papel político, filosófico e pedagógico da Educação, os seus fundamen-

tos, métodos e técnicas junto aos projetos, causas e impactos sociais. Devem-se considerar as três pedagogias predominantes em nosso sistema escolar: a tradicional, a escola-novista e a tecnicista, todas filhas da burguesia, aparentemente distintas, porém, unidas pela mesma determinação política e histórica de uma educação burguesa. Como consequência desta realidade, nas primeiras organizações escolares até 1930, tivemos uma marcante presença da pedagogia tradicional, que centrava sua identidade e natureza nos conteúdos formais da disciplina, dos procedimentos institucionais, com o processo pedagógico focado no professor, na organização curricular e na objetividade da avaliação. De 1971 para cá, prevalece uma pedagogia tecnicista com ênfase nos métodos e técnicas, priorizando o saber fazer, a disposição operacional, defendida pelos governos militares e revitalizada pela proposta e projeto da Educação centrada na parafernália eletrônica pós-LDB (1996), conforme salienta NUNES (2003):

Todas essas propostas pedagógicas encontram-se presentes na realidade institucional da realidade brasileira atual. É tarefa fundamental produzir uma crítica aos seus aspectos reducionistas e superá-los por uma sólida determinação política que constitui a concepção emancipatória da educação, somente possível numa visão dialética da história e da política.

Defendemos um programa filosófico-pedagógico que tem como finalidade desencadear entre professores e alunos e, em toda comunidade escolar, um método de investigação da realidade a partir de suas causas primeiras, por isto a Filosofia. Filosofia esta, que desde sua origem buscou emancipar-se no terreno histórico da Grécia do século V a.C. e, que continua mesmo marginal em seu reconhecimento a inquirir o mundo, o sujeito humano e as ciências sobre as ligações entre a verdade e a razão.

O programa filosófico-pedagógico Educar para o Pensar: Filosofia com Crianças, Adolescentes e Jovens, aproxima a Filosofia da Educação unindo-as em sua essência, numa única finalidade, pois quando colocadas em confronto com a realidade, necessariamente a refletem e educam os homens para a emancipação na sociedade. Ao concretizarmos esta proposta com crianças, adolescentes e jovens, respeitando o entendimento e o amadurecimento de cada um, quanto aos seus interesses e às suas discussões, certamente, conseguiremos gerar reflexões e ações significativas e duradouras.

Ao oportunizar uma investigação filosófica desde os primeiros anos escolares, conseguiremos uma Filosofia que se concretize e, cada vez mais, efetive-se como uma teoria da transformação do mundo. A partir de análises da realidade em que vivemos, teremos encontrado a interdependência entre o projeto filosófico e o educacional (pedagógico) de um determinado momento e de uma determinada sociedade.

Na perspectiva emancipatória do programa filosófico-pedagógico, a Filosofia da Práxis e a Pedagogia da Ação são responsáveis pela materialização prático-teórica do programa que defendemos. Ambas revigoram a importância da função do filósofo e do educador trazendo novas luzes e esperanças advindas da pluralidade e do debate não dogmático. Pluralismo não deve ser interpretado como uma busca desmedida do eclético, nem do condensado em uma metodologia assistemática da análise, impostor e banal que se satisfaz em gerenciar os efeitos e a impregnar-se do subjetivismo hedonista e ansioso por todas as consolações possíveis. O pensamento marxista pode nos levar a instigantes desafios e a inovadoras propostas sejam para o entendimento, ou para as ações e reflexões a respeito do atual momento histórico da realidade e da Educação.

2.2 Estudos Críticos Dialéticos

Assim como todo o procedimento filosófico traça sua história e tem um passado, a luta pelo espaço da Filosofia no currículo escolar

no ensino fundamental, com professores, crianças, adolescentes e jovens, também fez a sua. Seria muita pretensão querer fazer com que, pela primeira vez, começássemos a filosofar sozinhos. Filosofar é, em primeiro lugar, colocar-se diante de uma Filosofia anterior, considerando-se aqui uma tradição. As correntes filosóficas, as grandes filosofias são bem diferentes das insuperáveis obras-primas que veneramos e respeitamos quando as visitamos num museu. A tradição histórica da Filosofia deve servir como meio para descobrirem-se pensamentos vivos e atuais, para encontrar-se a Filosofia em atitude, por meio da qual se torne possível dar ao próprio pensar um suporte, uma bússola para orientá-lo.

A prática filosófica pressupõe uma releitura dos textos e escritos dos filósofos ou seus comentadores, pois é preciso aprender a ler, interpretar e comentar os entendimentos e os frutos das reflexões resultantes de tal leitura.

A partir desta prática, dialética em sua estrutura, é possível reconstituir, escrupulosamente, o trabalho do pensamento dos outros participantes, evitando-se os estereótipos escolares que simplificam as obras e contornam os obstáculos apresentados pelas palavras e pela aparência simplista e enganosa das fórmulas prontas. Com isto, torna-se possível situar as idéias em contextos, sistemas coerentes, libertando-as de todo peso histórico e tornando-as um pensamento vivo, atual e condizente com as faixas etárias e com a situação real de cada indivíduo.

É de suma importância estabelecerem-se as distinções e as definições a respeito do termo *dialética*, pois ele tem assumido diferentes significados no campo da pesquisa em Ciências Humanas. *Dialética* como mediação socioanalítica possui estruturas sólidas no campo da pesquisa em Educação. E na concepção dialética da pesquisa em Educação, a metodologia está intimamente envolvida com uma concepção de realidade, de mundo, de uma visão do homem e da história. A *dialética* é entendida, então, a partir de suas matrizes filosóficas, encontradas nas origens do pensamento grego.

Heráclito de Samos (Séc. VI a. C) afirmava que – “tudo muda, nada

permanece igual, como este fogo eternamente vivo, como a união dos contrários de amor e ódio”. Platão, com sua metodologia filosófica investigativa, definia a Filosofia como dialética, partindo das coisas sensíveis até atingir as verdades plenas e perfeitas. Sua dialética seria a transcendência da realidade sensível para se atingir, pelo pensamento e espírito, o mundo das idéias. Sua dialética está retratada no diálogo *Sofista* (367 a.C., Siracusa), dedicado ao combate dos sofistas na cidade de Atenas.

Platão apresenta a dicotomia entre verdade e erro e pretende, pela dialética, desmascarar a falsidade verbal e retórica dos sofistas.

A dialética, em Hegel, é a lei que rege a realidade absoluta do mundo, portanto, uma força interna do espírito objetivo que se desenvolve progressivamente na realidade histórica e material. A partir do conceito de alienação, no qual o homem se reconhece como estranho ao meio natural e social, tomando consciência da sua própria estranheza; no devir do processo histórico, o homem deve compreender, pela sua racionalidade, o que existe de universal e inteligível no mundo e aproximar-se disso, enriquecendo seu espírito e evoluindo plenamente para o conhecimento objetivo - isto é Filosofia – um esforço consciente do homem em apropriar-se do mundo inteligível. O pensamento dialético, nascido do conceito de transformação e dinamismo do mundo, evolui para diferentes direções, a partir da lógica interna da contradição – tese, antítese e síntese, negando-se e afirmando-se plenamente.

No programa filosófico pedagógico há uma ligação entre a cultura filosófica e a maturidade reflexiva que se quer atingir. Pois não basta adquirir métodos de trabalho, que já mostraram seu valor em diferentes etapas da formação, com o simples objetivo de progredir na realização de trabalhos escritos ou orais. O essencial é que cada indivíduo seja capaz de acompanhar as exigências práticas de elucidação e de justificação filosófica de suas idéias. A metodologia não poderia ser assimilada e limitada a um simples conjunto de técnicas genéricas, cuja aplicação levaria a um bom resultado, ela não é mera habilidade externa ao saber. Para adqui-

rirem-se métodos de trabalho em Filosofia, há de se compreender que o método é inerente à própria Filosofia. Elaborar uma metodologia já é fazer Filosofia, visto que isso envolve necessariamente uma concepção filosófica da Filosofia.

Atingir a maturidade filosófica, dentro da aprendizagem que visa, a princípio, à autonomia intelectual é apoderar-se de técnicas de leitura, de interpretação de textos, do espírito de investigação filosófica e das condições de tratamento sistemático das questões clássicas. Crianças, adolescentes e jovens que venham a assimilar e a obrigar-se a tal prática estarão formando autenticamente seu espírito e concretizando o desejo de pensar por si mesmos, que é o que os motiva. Neste sentido afirma LIPMAN (1990, p.51):

Fazer investigação filosófica é estar, a vida toda, pondo-se as questões filosóficas e buscando corrigir aprimorar ou produzir novas respostas a essas questões sem perder-se (*sic*) em ceticismos que nada indicam ou em relativismos que indicam pobremente – porque são particularistas. Fazer investigação filosófica é ter um estilo de viver envolvido na e com a construção de significações humanas, ainda que tenham de ser constantemente refeitas: "... o problemático é inesgotável e se reafirma desumanamente, quaisquer que sejam nossos esforços".

Como qualquer método ou programa de ensino, a eficácia do trabalho depende, em grande parte, do empenho pessoal, da capacidade de iniciativa dos alunos, do desejo de investigar, de leitura, de discussão, de produção de textos. O programa não tem como meta convidar o estudante, independentemente de sua idade, a contentar-se em reproduzir esta ou aquela idéia filosófica, ou aquela receita para entender o mundo e a realidade. Como um verdadeiro educador, o programa não tem outro objetivo, senão o de tor-

nar-se inútil tão logo desencadeie nos alunos a capacidade de terem, por si mesmos, o domínio do trabalho e do pensamento filosófico, o que implica em primeiro lugar, um desejo de filosofar, pura e simplesmente, pensar por si mesmo, decidir, tomar nas mãos a responsabilidade por sua história.

2.3 Aproximações Fenomenológicas

A fenomenologia analisa os fenômenos e os considera em si mesmos, por seu reflexo na consciência, independentemente dos condicionamentos exteriores a eles. Segundo (LUCKESI & PASSOS, 1996, p. 224):

Ela é, de fato, uma forma de crítica ao cientificismo reinante naquele momento, ou seja, uma tentativa de superação das concepções empiristas e racionalistas que entendiam ser o sujeito um ser distinto da realidade e separado do mundo. Para ela, existe uma íntima relação entre as coisas, entre o sujeito e o mundo. A fenomenologia parte do princípio de que não existe realidade sem sujeito, nem sujeito sem realidade. Assim, os homens apreendem a realidade pela sua essência, pelo seu sentido. (...) Com isso, vemos que a fenomenologia possui uma intencionalidade, a consciência das coisas não acontece por acaso; ela é intencional e orientada para um determinado objeto. Existe uma correlação entre o objeto e a consciência, e o primeiro só será definido em relação à segunda.

A Fenomenologia teve grande importância para a Filosofia e para as Ciências. Ao priorizar o conteúdo ou ao fenômeno existente na consciência, a Fenomenologia encontrou o caminho que pode levar ao conhecimento científico. Diferentemente do positivismo (mais

preocupado com medida e experimentação), a Fenomenologia se ocupa mais da descrição.

A Fenomenologia foi também uma crítica à forma tradicional de se fazer Filosofia, pois havia uma concepção vazia e abstrata do ser humano, voltada para a explicação. A Fenomenologia descreve a realidade, coloca o ser humano no centro de sua reflexão, descrevendo "o que se passa" efetivamente do ponto de vista daquele que vive uma dada situação concreta (ARANHA, 1996, p. 123)

A Fenomenologia procura transpassar na sua atitude filosófica a unilateralidade das duas correntes. Nem o racionalismo nem o empirismo, segundo ela, dão conta da realidade plena da existência humana. Existe uma íntima conexão entre o mundo de nossa experiência e o homem que vive esta experiência. Para o pensamento fenomenológico não existe um mundo sem sujeito, tampouco um sujeito sem mundo. Não é possível pensar o humano independentemente do mundo. A consciência não é o ser de nossa direção para o mundo. Não se fecha em si mesmo. É, antes de mais nada, um sair-de-si-mesmo. Aqui entramos em contato com um dos conceitos centrais da fenomenologia: a intencionalidade. (BERGEN, 1998, p.67)

É da noção de intencionalidade que se deve partir para entender a Fenomenologia, pois toda consciência é intencional. O conceito de fenômeno, que em grego significa "o que aparece", explica melhor: a Fenomenologia trata dos objetos do conhecimento como eles aparecem, isto é, como se apresentam à consciência. A partir deste significado e fazendo-se uma analogia com o programa filosófico-pedagógico Educar para o Pensar: Filosofia com Crianças, Adolescentes e Jovens, pode-se afirmar que a abordagem fenomenológica significa conheci-

mento daquilo que se manifesta para a consciência, daquilo que está presente para a consciência ou para a razão, daquilo que é organizado e explicado a partir da própria estrutura da consciência.

A consciência como fonte de significado para o mundo não se restringe ao mero conhecimento intelectual, mas é geradora de intencionalidades, não só cognitivas como afetivas e práticas. Ao olhar o mundo, que é o ato por meio do qual o ser humano experiencia-o percebe-o, imagina-o e julga-o. Assim, não existe uma consciência pura, separada do mundo (como pretendia o Racionalismo), pois toda consciência é a consciência de alguma coisa. No empirismo não há objeto percebido pelos sentidos com neutralidade, porque o objeto será sempre percebido por um sujeito que lhe confere algum significado.

Segundo (ARANHA, 1998, p.170):

A fenomenologia se contrapõe à Filosofia positivista, presa demais à ilusão de poder alcançar o conhecimento objetivo do mundo. Enquanto o positivismo quer garantir a possibilidade de um conhecimento científico cada vez mais neutro, despojado de subjetividade e distante do homem, a fenomenologia propõe a retomada da “humanização” da ciência, com nova relação entre sujeito-objeto e homem-mundo, considerados pólos inseparáveis.

Uma reflexão filosófica, enquanto ciência histórica, proporciona mecanismos que levam à compreensão da realidade pessoal e da sociedade. Por isto, quando se introduz a Filosofia na apreensão sistemática da cultura, ela confere ao homem uma postura crítica do seu tempo e uma responsabilidade pessoal e social. O homem passa a compreender a realidade como dialética, como correlação de forças conservadoras e de transformação, em todos os níveis e estruturas mental, social, econômica e moral, que é

uma das tarefas que a Filosofia propõe para a apreensão crítica da realidade.

Marx cita o desafio teórico da dinâmica da transindividualidade e estabelece uma teoria pragmática da relação onde supera a noção formal de indivíduo e de sociedade, colocando uma ligação nova: o sujeito e a prática. Portanto, a partir da Filosofia de Marx, temos um sujeito-pensante comprometido com o seu tempo e seu mundo. Sua afirmação sobre a base histórico-ontológica da dialética continua presente no horizonte filosófico:

[...] o primeiro pressuposto de toda história humana é naturalmente a existência de indivíduos humanos vivos. O primeiro fato a constatar é, pois, a organização corporal destes indivíduos e, por meio disto, sua relação com o resto da natureza. Pode-se distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião, ou por tudo o que se queira. Mas eles próprios começam a se diferenciar dos animais tão logo começam a produzir seus meios de vida: passo esse que é condicionado por sua organização corporal.

Depreendemos que os conhecimentos filosóficos não são um tipo de conhecimento que podemos aprender de fora para dentro, é necessário que reflitamos sobre eles e deixemo-nos ser por eles impregnados. Pois, não sendo assim, estaríamos, no máximo, aumentando o peso da nossa bagagem de conhecimentos, dando-nos uma impressão falsa de conhecer. É possível apreender pensamentos sem que se pense por si mesmo e repeti-los sem que se implique neles, até sem os compreender, mas isso reforça um pensar "por procuração", ou seja, o indivíduo não pensa, ele assume o pensamento do outro. Kant confirma isto ao defender que o conhecimento histórico parte de fatos, enquanto o conhecimento racional parte de princípios.

Assim, quando se crê que se está adquirindo o conhecimento de um sistema filosófico, apenas se está imitando, nada está sendo criado. Partir deste pressuposto é entender que não se pode aprender Filosofia (entendida aqui como o sistema de todo conhecimento filosófico); quando muito, pode-se aprender a filosofar, o que nos leva a entender que os princípios da razão são sempre livres para serem confirmados ou rejeitados.